

## "A OUTRA CAIXA DE PANDORA : O DEPÓSITO SAGRADO DA ESCRITA"

MARIA DA NATIVIDADE PIRES \*

**D**ei, a esta comunicação, um sub-título ambicioso mas que poderá indicar o percurso que pretendo fazer:

**" Da dimensão estética e ideológica da literatura à sociologia e pedagogia da leitura para uma fruição do texto"**

Tendo sido cultivada, no início, pelos monges, a escrita foi durante muito tempo um depósito sagrado por estar destinada a veicular a transcendência do mundo, sendo o mundo considerado como um livro que desvendava a mensagem divina. 1

Na Literatura se plasmará essa " terceira temporalidade" de que fala Paul Ricoeur, onde se inscreveria a riqueza do sentido "portador de uma carga, que possibilita a sedimentação num depósito, a explicação numa interpretação e a luta entre uma temporalidade que transmite e outra, que renova". 2 Assim, se considerarmos a palavra o condensador da imensidade das relações ideológicas e portanto sociais, ela será sempre " o indício mais sensível de todas as transformações sociais "3 , sobretudo quando utiliza conscientemente na produção literária.

Este poder reconhecido à palavra, à escrita, à literatura, levou-nos a pensar no " poder" concentrado num espaço como a Biblioteca e no romance de Umberto Eco " O Nome da Rosa", onde o fascínio pelo LIVRO, pela SABEDORIA, desencadeia vários crimes. Escreve o narrador:

Não me espantava que o mistério dos crimes girasse à volta da biblioteca. Para estes homens votados à escrita, a biblioteca era ao mesmo tempo a Jerusalém celeste e um mundo subterrâneo nos confins entre a terra incógnita e os Infernos. Eles eram dominados pela biblioteca, pelas suas promessas e pelos seus interditos. Viviam com ela, por ela e talvez contra ela, na esperança culpável de violar um dia todos os seus segredos (...) O próprio saber que as abadias tinham acumulado era agora usado como moeda de troca, razão de soberba, motivo de ostentação e prestígio; tal como os cavaleiros ostentavam armaduras e estandartes, os nossos abades ostentavam códices iluminados... se aquele novo saber que eles queriam produzir refluísse livremente para fora daquelas muralhas, nada mais distinguiria aquele sagrado lugar de uma escola catedral ou de uma universidade ci-

\* Docente da ESE de Castelo Branco

tadina. Permanecendo oculto, pelo contrário, mantinha intactos o seu prestígio e a sua força(...) Eis, disse para comigo, as razões do silêncio e da obscuridade que circundam a biblioteca, ela é reserva de saber mas só pode manter esse saber intacto se impedir que chegue a qualquer um, até aos próprios monges. O saber não é como a moeda, que permanece fisicamente íntegra mesmo através das trocas mais infames: ele é, antes, como um fato belíssimo, que se consome através do uso e da ostentação. Não é assim de facto o próprio livro, cujas páginas se esfarelam, cujas tintas e ouros se tornam opacos se demasiadas mãos lhe tocam?

ECO, Umberto, O Nome da Rosa, p.134-35

Estaremos nós, no Séc.XX, libertos da necessidade de querer manter intacto o saber, ou, pelo menos, **um certo saber?**

O texto escrito é a memória cultural das sociedades e como tal é um lugar de questionação e afirmação de valores ideológicos, sociais e culturais. 4

O livro de Aristóteles que o sábio Frei Jorge, em **O Nome da Rosa**, queria preservar do conhecimento de todos os outros homens era o livro que falava do riso, como questionação, precisamente de valores instituídos, como forma de abolir o medo. Essa carnavalescação de valores instituídos era o perigo que ele temia para o poder da Igreja, para a sociedade, para a ordem do Universo.

Ora, o acesso à herança cultural através do livro permite um auto-conhecimento que funciona como **construção de personalidade** e como **via de socialização**. Por isso, ao longo dos séculos, se tem sempre descoberto no seio da literatura alguma caixa de Pandora, donde todos os perigos podem surgir.

Mas o texto só ganha vida ao circular no momento de recepção pelo leitor, momento em que se estabelece o diálogo, que só é diálogo autêntico quando se desencadeia o **jogo da sedução**, levando à descoberta de novas facetas.

Era este jogo de sedução que o frade de **O Nome da Rosa** temia, porque a universalização do conhecimento impede a simples reprodução do sistema, desenvolve a consciência política. A leitura literária contribui para a emancipação do sujeito, liberta-o do processo de massificação. Daí a **importância social da literatura**.

Eliana Yunes e Glória Pondé, na sua obra **Leitura e Leituras da Literatura Infantil**, consideram que o livro deve levar a uma leitura/interpretação da vida que ajude o indivíduo na transformação de si mesmo e do mundo.

Todo o texto tem uma postura diante da ideologia mas na literatura, porém, várias ideologias, mesmo contraditórias, podem conviver numa mesma obra, através da postura das personagens.

Essa pode ser uma forma de **polifonia**, como a concebeu Bakhtine, permitindo ao leitor a liberdade de desenvolver o seu próprio juízo de valor.

O domínio de uma super-estrutura cultural é sempre veículo de ideologia porque a significação, se é um mecanismo estritamente linguístico, semiológico ou textual, enquanto

operação, como sentido de escrita ou de leitura é já transformação de dados e, portanto, apresenta-se ficticiamente como proposta de interpretação que preserva a liberdade do indivíduo. Estando implícita uma selecção na reprodução literária, ela é um operador privilegiado da ideologia - 'Nestas condições, o efeito estético é também sempre um efeito de dominação'. 5

Actualmente, a teoria da literatura considera que a linguagem literária é essencialmente plurissignificativa, o que preconiza múltiplas interpretações. Já no Séc. XVI Montaigne negava que a consciência da obra fosse completa no autor. Por isso, a **sociologia da criação** tem perdido terreno em benefício da psico-sociologia da leitura. 6

É na inter-acção com o leitor que o texto vive e assim o alvo da crítica desloca-se para o binómio texto/leitor.

Leio-vos outro excerto d'O **Nome da Rosa** (p.229):

" - Os livros não são feitos para se crer neles, mas para serem submetidos a investigação. Diante de um livro não devemos perguntar-nos que coisa diz, mas que coisa quer dizer, ideia que foi muito clara para os velhos comentadores dos livros sagrados. O unicórnio, tal como dele falam estes livros, encerra uma verdade moral, ou alegórica, que permanece verdadeira, como permanece verdadeira a ideia de que a castidade é uma nobre virtude. Mas, quanto à verdade literal que sustenta as outras três resta ver de que dado de experiência originária nasceu a letra. A letra deve ser discutida, ainda que o sentido principal permaneça certo. Num livro está escrito que o diamante se corta só com o sangue do bode. O meu grande mestre Roger Bacon disse que não era verdade, simplesmente porque ele tinha experimentado, e não tinha conseguido. Mas se a relação entre diamante e sangue caprino tivesse um sentido superior, este permaneceria intacto."

Este texto aponta para um equilíbrio nesta plurissignificação: há que ter em conta que, se a leitura é projecção do leitor na obra é também **modelização** do leitor pela obra. Jacinto do Prado Coelho considera que isto repõe o problema das fronteiras entre **leitura válida** e **leitura arbitrária**. 7 Isto porque o conceito de construção do sentido pelo leitor conduz, por vezes, a interpretações pouco plausíveis. Assim, a experiência da leitura falha quando o sujeito é incapaz de se deixar trabalhar pelo que no texto contraria ou excede o seu horizonte de expectativa - e exclui o que no texto não vem confirmá-lo.

Para o universo imaginário de cada um contribuem os factores mais diversos.

A leitura, sendo uma prática individual é, no entanto, condicionada por múltiplos factores de **dimensão sociológica**, a qual não pode deixar de ser considerada numa **pedagogia da leitura**.

Assim, a oferta e a procura do livro, dependentes de toda esta rede, situam-se num espaço sujeito a jogos de força.

Gera-se, por vezes, uma certa confusão em relação ao que **se quer ler**, ao que **se pensa que se deve ler**, ou se recusa, e em relação ao que **na realidade se lê**. Tudo isto depende também do que é considerado como uma necessidade para se ter acesso à cultura, como se fossem atribuídas unidades de crédito a determinado tipo de leituras.

Mas, precisamente por esse conceito de necessidade, por uma perspectiva utilitarista, certos tipos de leitura aparecem associados ao labor, ao estudo, ao desgaste intelectual, enquanto outras se associam ao prazer "tout court", sem medições.

Que lêem então os jovens e os adultos, na Escola ou fora dela?

Se queremos partir de uma situação real, para sobre ela podermos agir, teremos que ter em conta as seguintes situações, apontadas por João David Pinto Correia em "O Significado Sociológico das literaturas marginais".<sup>8</sup>

1. Quase todos os membros da comunidade portuguesa lêem textos das literaturas marginais.
2. A camada sócio-profissional identificada com a dos letrados ou dos cultos lê, na sua maioria, uns quantos géneros que com o tempo se tornam recuperados: a ficção científica, o romance policial e a banda desenhada.
3. As camadas etárias mais jovens lêem em grande quantidade os textos de ficção.
4. As camadas mais incultas (as que consideramos mais desfavorecidas culturalmente) quase só consomem as formas mais fáceis (mais facilidade pelos códigos utilizados, principalmente narrativos).

Relacionando estes factores com a infiltração dos mass-media em todos os campos de interacção social ou de vivência íntima torna-se evidente que o apelo à leitura não pode funcionar desligado de uma pragmática que tenha em conta que muitas vezes o que se consome não é o que se prefere, ou aquilo de que se poderia gostar ou aprender a gostar, mas o que é de mais fácil acesso.

Primeiro porque a literatura exige um esforço, não fomenta a passividade intelectual, porque ela é interrogativa (cito José Saramago, J.L. 25.7.89), depois porque o livro, mesmo como objecto, não é realmente de fácil acesso.

Mais do que uma questão de poder de compra e de política económica em relação ao livro, é o acesso físico, a nível de dificuldade de aproximação "espacial", que intimida.

Pensemos no espaço da Livraria e da Biblioteca.

Frequentemente, o aspecto exterior das livrarias, a organização da montra, tornam-na idêntica aos outros estabelecimentos.

Quanto à Biblioteca, também ela é fechada sobre si própria.

Ninguém entra numa biblioteca apenas porque o seu aspecto é convidativo e os livros, lá de dentro, aliantes, sedutores, lhe "piscaram o olho". Esse "aliciamento" já tem que ser preexistente. Por isso, a Biblioteca serve os que já têm o gosto ou a necessidade de ler, mas raramente serve para desencadear o interesse espontâneo pela leitura.

A dificuldade de acesso à biblioteca condena-a, no universo do romance **O Nome da Rosa**, a perecer nas chamas: "A Biblioteca tinha sido condenada pela sua própria impenetrabilidade, pelo mistério que a protegia, pela avareza dos seus acessos" (p.356).

Considera-se, habitualmente, que é à instituição escolar que cabe grande parte da responsabilidade de motivar os jovens para a leitura e portanto também para a frequência dos espaços referidos: a Livraria e a Biblioteca.

Mas, a instituição escolar continua a propor como modelo uma mitologia literária que é dificilmente aceite pelas novas gerações.

No actual sistema socio-cultural têm uma grande importância os discursos da imprensa, da publicidade, da canção-novas realidades que os programas têm que contemplar se quiserem aproximar-se daquilo que faz parte dos interesses dos jovens.

A atenção dedicada a estes discursos não se opõe, no entanto, à legitimidade da literatura nas escolas, é claro. O importante é que esta não seja encarada como acessível apenas a uma elite, enquanto os textos paraliterários surgem como acessíveis a todos.

A exploração intertextual, a este nível, dessacraliza a cultura e contribui para mostrar a **unidade da cultura**.

Não fazemos um apelo à substituição mas sim a uma forma de **mudar a relação do aluno com os textos literários**.

Se o aluno compreender que os mecanismos retóricos e estilísticos que intervêm no funcionamento dos textos "paraliterários" são os mesmos que funcionam na literatura, todo o seu contacto com textos, de qualquer tipo, reverte-se num enriquecimento da sua sensibilidade estética e numa consciencialização da **dimensão sociológica da cultura** de uma maneira geral.

A necessidade de a canção e a publicidade serem breves faz com que elas explorem a função poética da linguagem.

Estes mecanismos permitem verificar que os receptores, sobretudo na publicidade, são muito sensíveis aos aspectos formais da linguagem.

Mas a leitura, exigindo, para além de uma competência linguística, uma competência sócio-cultural, envolve muitas vezes uma abordagem semiótica e não apenas linguística.

Essa abordagem semiótica envolve, muitas vezes, a imagem, que contribui para a **leitura** de uma forma que pode ser tão importante como o texto verbal.

Actualmente, a imagem exerce um grande fascínio e a junção texto-imagem pode funcionar de forma que o leitor, construindo e sentido a partir de estímulos diferentes que se interpenetram, não consegue distinguir a parte de informação e/ou poeticidade que cabe a cada tipo de semiotização.

Assim, o diálogo do texto literário com outros tipos de discurso retira-lhe uma certa aura de sacralidade, cria uma relativização pragmática do conceito de literatura e rasga um "horizonte de criatividade, de disseminação e de pluralismo de valores".<sup>9</sup>

Gostaria, a propósito disto, de fazer uma breve referência ao livro "Olga e Cláudio", de Mário Cláudio e Maria Antónia Pestana (Ed. Afrontamento, Lisboa, 1984), que, há 2 anos, ganhou o Prémio Gulbenkian de ilustração.

É a história de Olga e de Cláudio, uma gata e um gato que vivem em Veneza e em Lisboa, cada qual em sua cidade

Na sequência de um jogo extremamente subtil entre texto e imagem (que me daria muito prazer explorar aqui mas que nos ocuparia demasiado tempo), na sequência desse jogo, dizia, surge, a certa altura, um espaço totalmente em branco. Duas páginas apresentam-se totalmente disponíveis às imagens da nossa fantasia. Essas imagens são tanto mais importantes quando é dada ao leitor a **hipótese de as construir** (construindo, criando a história) ao sabor da sua sensibilidade. E a importância dessa participação do leitor na criação do texto (texto, aqui no sentido lato, como potencial significante) é reforçada pela riqueza potencial do espaço em branco, espaço aberto oferecendo-se à liberdade do leitor, apenas com a sugestão de uma frase curta, discreta, no canto inferior direito: "E viviam um do outro"

Os espaços de Lisboa e Veneza surgem, habitualmente, como 'pano de fundo', através de fotografias do painel de azulejos 'vista de Lisboa' (do Museu Nacional do Azulejo) e de reproduções de quadros do pintor veneziano Francesco Guardi (col. Calouste Gulbenkian).

No entanto na última imagem surgem os gatos no espaço branco com as cidades "dentro de si". Olga tem dentro de si a imagem de Lisboa; Cláudio, a imagem de Veneza.

Neste processo não só de transferência mas de assimilação encontramos a tradição semiótica da dimensão profunda, sem limites da Paixão

A primeira vez que peguei neste livro, o folhee, e o li, aconteceu aquilo a que Roland Barthes chama **fruição do texto**, ao "arrebatar de uma só vez" 10 E refiro-o para frisar que não pretendi, de maneira nenhuma, ao longo desta comunicação, escamotear a dimensão estética da literatura nem a sensibilidade do leitor

A minha leitura integrou, desde logo, a consciencialização da riqueza semiótica da obra, mas o prazer não veio de uma análise imediata de todos estes pomenores (e outros, que não referi).

No entanto, teria eu fruído tão profundamente dessa leitura sem uma sensibilização acumulada" para este tipo de estímulos ?

Por outro lado, a liberdade concedida à minha construção de sentido é uma **liberdade adquirida**, precisamente por essa sensibilidade e conhecimentos desenvolvidos previamente.

Mas também o texto, verbal e icónico, tem características que permitem a "expansão" dessa construção do sentido.

Diz Roland Barthes que "O Novo é a fruição", baseando-se na perspectiva freudiana de que "no adulto, a novidade constitui sempre a condição da fruição" 11

Por isso, "a náusea aparece no momento em que a ligação de duas palavras importantes **se torna evidente**. E quando uma coisa se torna evidente, abandono-a(...)" 12

A par da análise pragmática de que falámos teremos que ter em conta também este conceito de fruição do texto para que os jovens, a par de uma orientação no conhecimen-

to a travar com o livro, com a leitura, tenham a hipótese de, livremente, espontaneamente, serem, por vezes, "arrebatados de uma só vez " pelos textos que encontrem.

Relacionando o prazer do texto com o prazer erótico, Barthes considera que "o prazer do texto é irredutível ao seu funcionamento gramatical, tal como o prazer do corpo é irredutível à necessidade fisiológica".<sup>13</sup>

Em todos os campos, a sociedade culpabiliza o prazer. A nossa sociedade é, segundo ele, **frígida**.

Terminarei com palavras de Roland Barthes sobre as condições de fruição do texto:

"Todo o esforço consiste em materializar o prazer do texto, em fazer do texto **um objecto de prazer como os outros**. Isto é: quer em aproximar o texto dos "prazeres" da vida ( um petisco, um jardim, um encontro, uma voz, um momento, etc.) e em o juntar ao catálogo pessoal das nossas sensualidades, quer em abrir através do texto a brecha da fruição (...). O importante é igualar o campo do prazer, abolir a falsa oposição entre a vida prática e a vida contemplativa.(...) Ideia de um livro (de um texto) no qual estaria entrançada, tecida, da maneira mais pessoal, a relação de todas as fruições: as da "vida" e as do texto, no qual uma mesma anamnese captaria a leitura e a aventura".<sup>14</sup>

## NOTAS

1. Benoist- Sygnes, *Symboles et Mythes*, Paris, PUF, 1975. p.102
2. Paul Ricoeur - *A Metáfora Viva*, Porto, Rés-Editora, 1983, introd. de Miguel Baptista Pereira. p. XVIII
3. Bakhtine, Volochinov - *Le Marxisme et la philosophie du langage*, Paris, Minuit, 1977, p. 37-38
4. Jacinto do Prado Coelho - "*Introdução à Sociologia da leitura literária*" in Problemática da Leitura - aspectos sociológicos e pedagógicos, Lisboa, INIC, 1980, p.40
5. Etienne Balibar e Pierre Marcherey - "*Sobre a literatura como forma ideológica - algumas hipóteses marxistas*" in Literatura e Significação, organização de Maria Alzira Seixo, Lisboa, Arcádia, 1976, p. 48-49
6. Jacinto do Prado Coelho. opus cit., p. 20 e 21
7. Ibidem, p. 22
8. in Problemática da Leitura - aspectos sociológicos e pedagógicos.
9. Vítor Aguiar e Silva, "O texto literário e o ensino da língua materna", in Actas do Congresso sobre A Investigação e o Ensino do Português, 18 a 22 de Maio, 1987, Lisboa, ICALP, 1989

- 10 . Roland Barthes, *O Prazer do Texto*, Lisboa, Edições 70, 1983, p. 97
11. Ibidem, p. 82
12. Ibidem, p. 86
13. Ibidem, p. 53
14. Ibidem, p. 105-106

## BIBLIOGRAFIA

- BARTHES, Roland - *O Prazer do Texto*, Lisboa, Edições 70, 1983 (1ª ed.fr.1973)
- CLÁUDIO, Mário e PESTANA, Maria Antónia - *Olga e Cláudio*, Edições Afrontamento, 1984
- ECO, Umberto - *O Nome da Rosa*, Lisboa, Círculo dos Leitores, 1984
- POUPART, René - "Des textes (paralittéraires) aux textes littéraires par le rapport intertextuel" in Revue de l'Institut de Sociologie, nº 3-4, Univ. Libre de Bruxelles, 1980
- POUPART, René - *Des "petits" textes aux "grands" textes" in Français, Langue de Communication*, Lisbonne (1983), Les Nouvelles Editions Africaines
- POUPART, René - *Une utilisation pédagogique de la publicité: L'étude comparée de réclames similaires à des époques différentes" in Reseaux* (Revue interdisciplinaire de philosophie morale et politique), Centre interdisciplinaire d'Etudes Philosophiques de l'Université de Mons, nºs 32-33-34, s/d
- LUNES, Eliana e PONDÉ, Glória - *Leitura e Leituras da Literatura Infantil*, São Paulo, Editora FTD S.A., 1988
- Le Français dans le Monde-Recherches et Applications - 'Littérature et Enseignement, /a perspective du lecteur', Février/Mars, 1988
- Problemática da Leitura - aspectos sociológicos e pedagógicos, Lisboa, INIC, 1980